



## **Em busca de uma semiose desafiadora ao campo da tecnologia educacional: contribuições para reflexão docente/discente.**

Luis Alberto Menezes Cerqueira  
Mestrando no Proped/UERJ

### **RESUMO:**

Este artigo é fruto da reflexão acerca de um trabalho de semiose coletiva ocorrido no mês de abril de 2014. Percurso caminhado através da utilização da Etnografia Digital como abordagem metodológica, tem por objetivo principal refletir sobre os caminhos do campo da Tecnologia Educacional. Trata-se de um exercício de pensar com estudantes ingressos no curso de Pedagogia da UERJ novas possibilidades para o desenvolvimento de práticas, posturas e atitudes ao nível do campo da Tecnologia Educacional, imbricando a transdisciplinaridade e a dialogicidade como ferramentas de transformação social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Semiose; Tecnologia Educacional; Transdisciplinaridade.

### **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Este trabalho é fruto de um exercício de semiose realizado entre os dias 21 e 22 de abril com estudantes ingressos em 2014 no curso de pedagogia da UERJ. A abordagem metodológica utilizada foi a *etnografia digital*, com a utilização de recursos tecnológicos digitais, através dos quais se possibilitou liberdade para atribuição de significados por parte dos estudantes diante da seguinte questão posta numa rede social de amplo fluxo por parte da juventude brasileira:

“Encarando a necessidade de um novo entendimento entre mundo e escola, entre estudantes e professores, encarando também que isso ainda



precisa ser construído e que eu chamo de transdialogicidade: o que é e como se dá a TRANSDIALOGICIDADE?”.

Pensar no desenvolvimento de um construto, que parta do vazio, de uma simples proposição, proveniente de um trabalho de amplitude pequenina, pode parecer insensato, diante da fortaleza racional e concreta através da qual o saber científico emerge e se legitima. Ainda assim, talvez seja válido o perigo de uma semiose cotidiana, justamente porque, do átomo à galáxia existe um infinito icomensurável de realidades que podem emergir em brilho.

### **A TRANSDISCIPLINARIDADE E A DIALOGICIDADE**

Os substratos teóricos utilizados aqui para a construção desta reflexão são a transdisciplinaridade e a dialogicidade, ambos desenvolvidos por pensadores que marcaram o nosso tempo e fizeram-se imortais através dos seus legados, como são Jean Piaget e Paulo Freire.

Já após meados do século XIX, emergiu a *Transdisciplinaridade*, que, do ponto de vista humano, pode ser entendida enquanto atitude de abertura ao saber do outro, para o entendimento do que está além, entre e através dos saberes. É uma atitude que busca transcender o clássico amparo racional em dicotomias estáveis e polares por um olhar atento ao que pode ser inesperado, inacessível.

Em seu *Manifesto da Transdisciplinaridade*, por exemplo, Basarab Nicolescu (2001) nos interroga a respeito da revolução da informática e da condição de construção dos saberes, de maneira que nos propõe uma nova forma de encarar as demandas, as problemáticas

“Porque somos tão inventivos, em todas as situações, em descobrir todos os perigos possíveis e imaginários, mas tão pobres quando se trata de propor, de construir, de erguer, de fazer emergir o que é novo e positivo, não num futuro distante, mas no presente, aqui e agora? (p.13)”



Em tempo paralelo ao desenvolvimento da abordagem transdisciplinar, Freire (1970) confere atenção em desenvolver o conceito de dialogicidade, elevando a *Palavra* enquanto tecnologia humana primeira e reforçando a necessidade de realização das suas duas dimensões, a *reflexão* e a *ação*, para a consciente transformação da realidade, visto que sem a realização de uma das dimensões incorre-se em mero ativismo ou subjetivismo, ambos em dissonância com relação ao papel de desalienação, que é a essência do ato pedagógico.

## TECNOLOGIA EDUCACIONAL

Nesta mesma época, na década de 1970, as primeiras tentativas em estruturar o campo da *Tecnologia Educacional* resultaram no desenvolvimento de duas grandes concepções: 1) foco no *meio*, na atenção em encontrar maneiras de encaixar artefatos tecnológicos à relação de ensino/aprendizagem e; 2) foco no *processo*, entendendo este campo como forma sistemática de planejar, implementar e avaliar o processo total de aprendizagem, congregando recursos humanos e materiais (Candau, 1979, p.63).

Contudo, ao fazer uma pesquisa sobre o termo '*Tecnologia Educacional*' nos principais meios de trânsito digital do saber científico, procedendo análise de artigos científicos de publicação nacional por meio digital, para dar conta do seu processo atual, é inevitável esbarrar-se no embotamento entre as duas concepções. Prepondera a discussão que indica o quanto a escola não consegue incorporar eficazmente os artefatos tecnológicos e o quanto os professores precisam modificar a sua prática para se adaptarem à nova realidade da sociedade.

Observa-se uma precariedade de uso das novas tecnologias enquanto instrumento capaz de elevar a qualidade do processo de ensino/aprendizagem, demonstrando a validade da constatação de Castells (1999), quando sugere o processo de *corrida governamental frenética* para explicar os modos de inserção das mercadorias da indústria da computação à Educação nas últimas décadas.

## A TRANSDIALOGICIDADE



Tecnologia é mais do que hardware, artefato físico, aparelho. Pode ser encarada como método, técnica e assim podemos entender que as tecnologias não necessariamente precisam de eletricidade ou bateria, mas que podem ser criadas, desenvolvidas e implementadas ao nível do simbólico, da palavra e assim se transformarem em postura, atitude.

Assim posto, ao delinear a questão posta na web, pensamos num silogismo, tal qual se representa através da construção ‘Transdialogicidade’, para pensarmos na criação de uma tecnologia aberta e dialógica, que leve em consideração e importância o que se passa nas inquietas mentes dos jovens quando pensam na resolução dos problemas escolares. Desta maneira, seguem-se alguns dos resultados do trabalho de semiose feito.

A estudante A. A. diz que a Transdialogicidade é *“uma nova forma de comunicação, uma transformação na maneira de dialogar que se utiliza de novas ferramentas e permite uma maior compreensão das/entre as partes envolvidas”*. Já a estudante M. S. acredita que seja *“um diálogo entre os diferentes participantes da vida escolar, o qual rompe com a ideia do professor como centro de tudo. É a forma de comunicação em que todos terão voz e serão considerados capazes de dizer a sua própria palavra”*.

Para a estudante G. C., temos que é *“uma relação mais sólida entre os envolvidos na questão da educação, pais, alunos e todos os funcionários da escola, desfazendo aí a imagem de uma instituição fechada que não abre espaço para novas participações, onde para se construir uma educação de qualidade e sem exclusão, também seja preciso da participação da família, para que todos tenham um diálogo e relações mais sólidas e participativas”*.

Já para a estudante K. H. a Transdialogicidade *“é um termo interessante que podemos perceber na própria composição da palavra, ou seja, buscar o diálogo e/ou dialogar com os outros, buscando intercessões que nos levem a construir pontes ao invés de continuarmos em universos paralelos”*.

## CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

O aluno do agora é um *sujeito-estudante pós-moderno* (Green, 1995), com habilidades e necessidades renovadas por uma revolução cultural. Os jovens do agora, ‘intervêm junto



aos adultos, em um complexo exercício de poder, ajudando a elaborar a cultura já constituída' (Guimarães, 2013, p. 211). As políticas educacionais ainda se baseiam em pressupostos obsoletos e inadequados para dar conta da formação deste novo sujeito. Assim, os sujeitos dentro da sala de aula são vistos como alienígenas (Green, 1995).

Mesmo na era das TIC, a prática do diálogo parece embotar-se na falta de uma *tecnologia dialógica transdisciplinar*, que permita a escola entender como poderá sair do seu mal-estar relacional. Desenvolver esta tecnologia seria talvez simplesmente permitir que os alunos digam para a escola como o mundo é de verdade.

Para além dos bits e bytes, seria simplesmente a *Palavra*, tecnologia humana originária, o desafio mais premente para a concepção de novos caminhos à Tecnologia Educacional?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDAU, Vera Maria. **Tecnologia educacional: concepções e desafios**. Cadernos de Pesquisa: São Paulo, 1979.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo (1970). **Pedagogia do Oprimido**. 47ª Ed Rio de Janeiro: Paz e terra, 2008.

GREEN, B.; BIGUM, C. **Alienígenas na Sala de Aula**. In: Silva, Tomaz T. da. Alienígenas na Sala de Aula. Petrópolis: Vozes, 1995.

GUIMARÃES, Iara Vieira. **Infância, mídia e a experiência da multiterritorialidade**. Revista Teias, v.14, n°32, maio/ago, Rio de Janeiro, 2013.

NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 2001. Disponível em: <http://www.ruipaz.pro.br/textos/manifesto.pdf>